



Visibilidades lésbicas em plataformas de mídias sociais: heteronormatividade e resistências no YouTube, Instagram e TikTok

Lesbian visibilities on social media platforms: heteronormativity and resistance on YouTube, Instagram and TikTok

■ Joana Ziller; Dayane do Carmo Barretos; Kellen Xavier; Leíner Hoki; Luiza Bodenmüller; Mônica França Dias

Resumo

O jogo entre resistência e docilidade às normas de gênero ganha contornos específicos quando visto a partir das plataformas de mídias sociais. Tais disputas são o cerne do artigo, que se volta às visibilidades e invisibilidades de lesbianidades no YouTube, Instagram e TikTok. Cada uma das pesquisas, brevemente apresentadas, se moldou metodologicamente às especificidades das plataformas. Além de registrar resultados de levantamentos desenhados a partir de abordagens quantitativas e qualitativas, o texto também se volta aos deslizamentos de sentido e negociações implementadas com as normas de gênero em busca de ampliar a circulação de conteúdos. Entende como comuns às plataformas a lógica *rich get richer* e a normatização dos corpos mesmo no que tange às sexualidades desviantes, com o predomínio de mulheres brancas, magras, jovens em corpos sem deficiência e que performam feminilidade.

Palavras-chave

lesbianidades; heteronormatividade; YouTube; Instagram; TikTok

Abstract

The play between resistance and docility to gender norms has specific contours when seen from social media platforms. Such disputes are the core of this article focused on lesbianities' visibilities and invisibilities on YouTube, Instagram and TikTok. Each one of the researches, briefly pointed here, are methodologically molded to the platform's specificities. Besides presenting the results of surveys

designed from qualitative and quantitative perspectives, the text also turns to the shifts on meaning and on negotiations implemented by the gender norm in order to expand the content circulation. It understands as inherent to platforms the logic of rich get richer and the normalization of bodies, even when it comes to deviant sexualities, with the predominance of white, thin, young women without disabilities and who perform femininity.

Keywords

lesbianities; heteronormativity; YouTube; Instagram; TikTok.

Introdução

As visibilidades que perpassam as lesbianidades nas plataformas de mídias sociais se constroem a partir da tessitura de ambiências *on* e *offline*. Os algoritmos, a heteronormatividade, as políticas das plataformas, as experiências de sexualidades dissidentes, as formas de recompensa e monetização do conteúdo, as negociações que interpomos às normas de gênero, a pretensa ideia da neutralidade maquínica... todos esses elementos se imbricam na disputa por circulação – na constituição, em variados graus, do que se torna visível e do que não se vê.

Pesquisar tal disputa pressupõe partir da constituição social das visibilidades e invisibilidades sociais das lesbianidades para perscrutar como as plataformas de mídias sociais e seus algoritmos hierarquizam tais experiências, as distribuem. E, por outro lado, como as pessoas que produzem conteúdo percebem tais hierarquizações e, mesmo sem acesso formal aos preceitos que guiam os algoritmos, jogam com eles para buscar visibilidade de seus canais e perfis, para ampliar a circulação dos conteúdos que publicam.

Nesse contexto, a máxima algorítmica *rich get richer* tende a reforçar normatividades, a estender a visibilidade daquilo que já tem mais aceitação. Denominador comum às plataformas de mídias sociais, esse preceito significa que quanto mais um conteúdo circula, mais tende a ser ofertado a outras pessoas – numa pretensa possibilidade de fazer emergir qualidade da quantidade de acessos (CIAMPAGLIA, NEMATZADEH, MENCZER e FLAMMINI, 2018). Tal premissa, entretanto, apenas potencializa a circulação daquilo que está sendo quantitativamente bem aceito – ou seja, mais acessado e debatido. E tem dois efeitos imediatos: fortalece padrões seguidos por grupos majoritários e estimula a criação de conteúdos similares, que reaproveitam elementos que *deram certo* em postagens anteriores.

Nos perfis e canais relacionados às lesbianidades em plataformas de mídias sociais, a hierarquização algorítmica aponta para uma questão contraditória: ao mesmo tempo em que possibilitam a circulação de conteúdos que não têm uma visibilidade ampliada em outras ambiências

midiáticas, as plataformas também limitam a circulação desses conteúdos, quase que o restringindo às pessoas que já têm uma ligação anterior com a temática. Tal contradição está relacionada à maneira como as plataformas fazem a mediação dos conteúdos nelas publicados. Entender essa dinâmica ajuda a compreender como as hierarquias estão traduzidas algoritmicamente e como se dão as resistências.

Por outro lado, mesmo no conteúdo que ganha circulação em perfis e canais cuja temática se relaciona às lesbianidades, constituindo uma dissidência no que tange à orientação sexual, há um predomínio de outros elementos da heteronorma: os conteúdos que mais circulam mostram mulheres brancas, jovens, magras, sem deficiência, que performam feminilidade.

A partir de tais questões, apresentamos, neste texto, resultados de pesquisas realizadas em três plataformas de mídias sociais: YouTube, Instagram e TikTok. Os levantamentos se deram com objetivos diferentes e seguiram linhas diversas de coleta de dados. Mas ajudam a perceber o que há de comum entre as visibilidades e no que cada plataforma difere.

Invisibilidade lésbica

Fazer ver, dar-se a ver, tornar visível. A reflexão sobre as visibilidades e invisibilidades é perpassada por lógicas normativas que penetram nosso cotidiano. Se por um lado o simples fato de estarmos produzindo sobre lesbianidade pode sugerir uma maior visibilidade sobre nossas experiências, há ainda uma invisibilidade muito mais ampla que atravessa nossas vivências diárias e se vincula diretamente ao que Rich (2019) chama de heterossexualidade compulsória, mas que também não se esgota nela.

A fim de ampliar o debate, entendemos as lesbianidades a partir da dupla ideia de identidade e prática (ZILLER e BARRETOS, 2020) e a invisibilidade lésbica como parte de um projeto normativo de matriz heterossexual, sendo não só resultado desse projeto, como também parte constituinte dele. Uma faceta que, ao mesmo tempo, reforça a heterossexualidade enquanto única possibilidade e submete as sexualidades dissidentes a sanções.

Avançando em termos foucaultianos, é possível discutir as invisibilidades das experiências das lesbianidades por meio das lógicas de vigilância e disciplina, sendo que a vigilância seria responsável por tornar visível o que deve sofrer a ação disciplinar. Já a disciplina é responsável por definir não apenas uma forma de dizer, como também uma maneira de viver, visto que discurso e ação estão intrincados no pensamento do autor. Sendo assim, não é necessário restringir ou reprimir

essa visibilidade para dificultar a produção de discursos a seu respeito, mas torná-la ampla na medida em que seja possível formatá-la de modo a garantir seu potencial pedagógico, um exemplo a não ser seguido caso se queira escapar das sanções. Há, portanto, uma relação íntima entre a visibilidade e a enunciação, garantindo que os discursos sejam formados dentro e por meio do pensamento heterossexual, nos impedindo de falar (e até de ser) se não nos termos dele, conforme nos diz Wittig (1980, p.10): “serás hétero ou não serás”.

Vemos então que não ocorre uma repressão pura e simples, mas uma dinâmica complexa em que visibilidades, invisibilidades; docilidade e resistência; saber, poder e discurso; interseccionalidades estão em jogo. Rich (2019) compreende a heterossexualidade compulsória como uma forma de “assegurar o direito dos homens de acesso físico, econômico e emocional” (RICH, 2019, p.63) às mulheres. Já Wittig (1980) vai defini-la como um sistema de pensamento¹. E Segato (1997) afirma que o modelo heterossexual é a matriz primeira de poder, o primeiro registro do poder na experiência social e na vida do sujeito. Nesse sentido, a heterossexualidade, tanto em sua dimensão compulsória (RICH, 2019), como sistema (WITTIG, 1980) ou como modelo (SEGATO, 1997) apresenta-se enquanto central para a manutenção dessa invisibilidade, tornando-se seu principal operador.

Um exemplo da ação do potencial pedagógico heteronormativo sobre a visibilidade das práticas e identidades relacionadas às lesbianidades é o texto que a apresentadora da TV Globo Fernanda Gentil publicou em uma plataforma de mídia social um dia após se assumir em uma relação com outra mulher: "Hoje acordei cedo, li umas coisas sobre mim e por um segundo achei que o mundo tinha acabado"². No texto, Gentil menciona os diversos âmbitos de sua vida, trazendo à tona de forma repetida e sutil as ameaças que assumir publicamente seu namoro com outra mulher poderiam trazer a suas relações familiares, sua posição social privilegiada, seu trabalho e até seus filhos. Ainda que estejamos falando de uma mulher branca, jovem, que performa feminilidade e de classe social privilegiada – portanto, em um contexto social muito diferente de mulheres negras, pobres,

¹ Wittig defende que o pensamento hétero composto por categorias tão amplas quanto "mulher", 'homem', 'sexo', 'diferença', e a toda a série de conceitos que carregam esta marca, incluindo conceitos tais como 'história', 'cultura', e o 'real'. E embora tenha sido aceito em anos recentes que não existe semelhante com a natureza, que tudo é cultura, permanece ainda um cerne de natureza que resiste a ser examinado, uma relação excluída do social na análise – uma relação cuja característica é inescapável na cultura, assim como na natureza, e que é a relação heterossexual" (1980, p. 6).

² Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1146269308760822&id=148899635164466>. Acesso em jun. 2021.

masculinas, por exemplo – os receios que cercam o *outing*³ de Gentil exemplificam as *punições* esperáveis a quem torna visível o desvio da norma.

Em seu texto, a apresentadora se mostra aliviada ao concluir que o *outing* não havia trazido consequências imediatas e profundas ao seu entorno: "Aí olhei pro céu e vi que as nuvens ainda estavam lá. Olhei pra varanda e a piscina do meu prédio ainda estava lá. Entrei nos quartos dos meninos; tudo intacto. Conferi meu pulso: pulsando. Ótimo; há mundo"⁴. O alívio de Gentil, entretanto, se dá em condições de segurança/privilégio específicas, que não podem ser generalizadas no país que mais registra mortes de LGBTI no mundo, como mostram os crescentes registros de lesbicídio (PERES, SUANE E DIAS, 2018) ou os dados que apontam que, em 2019, a cada dia, seis mulheres lésbicas sofreram estupro corretivo no país⁵.

Seguir parcial ou completamente invisível, ou no armário, é assim um jogo que no limite se relaciona à segurança física e à sobrevivência das mulheres com vivências lésbicas. Não por acaso, Sedgwick (2007) afirma que o armário é uma presença formadora na vida das pessoas homossexuais, de onde não se sai apenas uma vez, mas continuamente. Mesmo para pessoas assumidamente homossexuais,

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Ou seja, é possível, por exemplo, decidir esconder a própria homossexualidade ao começar um novo trabalho ou adentrar em determinados espaços em que não há certeza de segurança e aceitação. Esse aspecto demonstra não só como a vigilância atua continuamente sobre nós, como também evidencia a sofisticação da disciplina, que não nos obriga a ocultar a nossa sexualidade dissidente, mas faz com que seja de certo modo estratégico para nós mesmas mantê-la em sigilo em certas situações.

Contudo, não são todas as mulheres lésbicas que conseguem se manter no armário. No caso daquelas que não performam feminilidade e que adotam marcadores estéticos mais ligados ao que socialmente se compreende como masculinos, como roupas, cabelo, acessórios, isso se torna muito

³ Sair do armário, se assumir como LGBTI – no caso de Gentil, o fato de assumir a relação com outra mulher.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1146269308760822&id=148899635164466>. Acesso em jun. 2021.

⁵ Disponível em <<https://www.generonumero.media/no-brasil-6-mulheres-lesbicas-sao-estupradas-por-dia/>>. Acesso em jun. 2021.

mais difícil. Nesse caso há uma hipervisibilidade efetuada por meio da vigilância e da disciplina, fazendo com que essas mulheres estejam potencialmente mais suscetíveis a discriminação e violência: 55% das vítimas de lesbocídio entre 2014 e 2017 não performavam feminilidade (PERES, SUANE e DIAS, 2018, P. 77)

Ao abordar as masculinidades femininas, Halberstam (2008) permite o entendimento de que essa masculinidade promove uma visibilidade específica às mulheres, fazendo com que a disciplina atue mais fortemente sobre elas. A sua análise das formas pré-identitárias de masculinidades femininas descola a expressão de gênero da sexualidade, um exercício que possibilita enxergar as lógicas diversas da disciplina, que em determinados momentos vai se voltar mais para o gênero e em outros para a sexualidade, por vezes para ambos, mas não necessariamente de forma simétrica e conjunta. A proposição do autor nos auxilia a compreender que, por não se tratar de uma masculinidade dominante, e também por se articular com a heterossexualidade compulsória, há contornos específicos no que se refere à atuação da vigilância e da disciplina sobre esses corpos.

Mas o que vemos nas postagens em plataformas de mídias sociais de que tratamos neste trabalho é que essa hipervisibilidade pela vigilância, que ajuda na atuação da disciplina, não se reflete em uma maior visibilidade. Numa reafirmação da percepção de Lorde (2019) de que lidamos com as diferenças de forma a “ignorar e, quando não for possível, copiar quando a consideramos dominante ou destruir quando a consideramos subalterna” (LORDE, 2019, p.144), as plataformas de mídias sociais contribuem para que as lesbianidades sejam ignoradas pela maioria de seus usuários, como discutiremos a seguir.

Algoritmos, plataformas e visibilidades

A fim de compreender as formas como as visibilidades e invisibilidades das experiências lésbicas se complexificam nas plataformas de mídias sociais, voltamos nossa atenção para as lógicas algorítmicas. Algoritmos nada mais são do que procedimentos codificados para fazer coisas. Algoritmos de busca, por exemplo, permitem que naveguemos à procura de conteúdos visados entre extensos bancos de dados. Mas os algoritmos fazem mais do que nos aproximar de postagens e páginas. Ao propor quais os conteúdos, entre seu imenso banco de dados, devem ser ofertados a cada uma de nós, influenciam sobre a contínua elaboração da nossa interpretação do mundo.

Nesse sentido, O'Neil lembra que "Modelos [algorítmicos] são opiniões embedadas na matemática" (2016, p. 379). Seja para definir a sentença de um condenado, seja para um processo

seletivo, algoritmos podem ser racistas, machistas, nada inclusivos e como podem promover a desigualdade (O'NEIL, 2016).

"Os pontos cegos de um modelo [algorítmico] refletem os julgamentos e prioridades de seus criadores", afirma O'Neil (2016, p.373). O caráter sociotécnico do desenvolvimento de tecnologias de processamento e mineração de dados evidenciam que o caráter pretensamente técnico/matemático/exato é encoberto pelas subjetividades envolvidas em seu desenvolvimento de modo que a máquina acaba reproduzindo tanto os vieses de seus criadores, como os critérios estratégicos e de negócios que guiaram a sua concepção.

Gillespie (2018, p. 97) refere-se aos algoritmos que produzem e certificam conhecimento como algoritmos de relevância pública. Ainda que as plataformas tentem se colocar como espaços neutros, as lógicas que regem seus algoritmos não emergem se não a partir de escolhas humanas e institucionais.

Assim como os algoritmos, "As plataformas não são construtos neutros ou livres de valores; elas seguem normas específicas e têm valores inscritos em sua arquitetura" (VAN DIJCK, POELL & WALL, 2018, p.3, tradução nossa)⁶. Nesse sentido, Grohmann (2020) alerta para o fato de que o objetivo das plataformas é nos manter navegando pelo maior tempo possível. Não por acaso: seu faturamento vem da extração dos dados contidos em nossa navegação. A "extração de dados não é mera coleta de informações, mas extração de valor e recursos" (GROHMANN, 2020, p. 109) "a partir dos mecanismos de dados e das mediações algorítmicas" (GROHMANN, 2020, p. 111). Enquanto navegamos, cliques, interações, mudanças no volume do áudio, pequenas pausas, padrões de rolamento de página e até movimento dos olhos servem como subsídio para prever comportamentos.

Para Gillespie (2018), há pelo menos seis dimensões dos algoritmos de relevância pública cujo valor político devemos considerar, que dizem respeito a 1. *Padrões de inclusão* (que informações os algoritmos coletam, distribuem e oferecem para consumo); 2. *Ciclos de antecipação* (nos quais algoritmos buscam prever e acabam por reforçar o que entendem como de interesses de seus usuários); 3. *Avaliação de relevância* (que, a partir de critérios feitos propositalmente opacos, atuam na delimitação do conhecimento considerado apropriado e legítimo); 4. *A promessa da objetividade algorítmica* (em que as plataformas apropriam-se discursivamente do caráter técnico dos algoritmos para atribuírem a si certa imparcialidade diante do conteúdo que circula em seus espaços,

⁶ "Platforms are neither neutral nor value-free constructs; they come with specific norms and values inscribed in their architectures", no original.

especialmente quando despertam controvérsias); 5. *Entrelaçamento com a prática* (que diz de como reconfiguramos práticas em resposta aos algoritmos, seja para atender às suas demandas ou desafiar suas políticas); 6. *A produção de públicos calculados* (a partir dos quais as plataformas agrupam seus usuários em categorias arbitrárias, adequadas ou não, mas que também podem ser incorporadas pelos mesmos para entenderem-se a partir desses espaços.)

Todas elas estão, em maior ou menor grau, nas análises que apresentamos das plataformas de mídias sociais. E se relacionam ao fato de que, em ambiências que buscam a permanência dos usuários pela maior quantidade de tempo possível, os perfis e canais que retêm mais os usuários serão beneficiados pela plataforma. Assim, as plataformas delegam seu objetivo de manter a atenção de usuários a perfis e canais, que tentam publicar conteúdo que, ao mesmo tempo, fale diretamente com seu público e incorpore os elementos avaliados pelas plataformas, que não são de conhecimento público - a *avaliação de relevância* efetuada pelas plataformas se dá a partir de critérios feitos propositalmente opacos (GILLESPIE, 2018), que faz perfis e canais tatearem em busca de uma maior circulação para o que postam.

Entretanto, em função de seu caráter fortemente quantitativo, os algoritmos tendem a replicar e reforçar ideias e imagens hegemônicas, permitindo que circulem de maneira mais ampla. Conteúdos que abriguem experiências e corpos fora do que se considera a norma tendem a permanecer restritos a seus públicos de interesse - lésbicas falam para lésbicas, pessoas com deficiência falam para pessoas com deficiência etc. - mais do que vídeos que reproduzam o que encontra aceitação social mais ampla. Tendem a alcançar mais usuários as produções de criadores que seguem normas: do que é mais bem recebido, mais bem visto etc.

Nesse ponto, é importante ponderar duas questões: mesmo nos conteúdos voltados a públicos numericamente menores, há elementos internos preponderantes, numa repetição da lógica hegemônica (para além das hegemônias normativas que seguem constituindo todos os grupos); em ambiências midiáticas em que a questão quantitativa é muito relevante, qualquer deslize pode se agravar, levar o canal ou usuário a perder seguidores e, com isso, instituir uma espiral de queda de popularidade, numa reafirmação com sinal trocado da lógica *rich get richer*.

Um exemplo disso são os perfis de Alexandra Gurgel. A influenciadora, conhecida pela pauta *body positive*, contra a gordofobia, publicou em seu canal do YouTube, em 03 de fevereiro de 2019, "COMO ME DESCOBRI SAPATÃO + HT COMPULSÓRIA (Nera Hétero?)"⁷. Na descrição,

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OxB3l0LUGcA&t=12s>>. Acesso em jun. 2021.

descreveu que "neste vídeo eu conto pra vocês sobre a minha descoberta: sou lésbica! Com quase 30 anos eu descobri que sou sapatão e não hétero e isso gerou muitos comentários (positivos e negativos) no Instagram."

Reconhecida por seu público como heterossexual, Alexandra, ao publicizar sua homossexualidade, enfrentou certa resistência de seus seguidores e de pessoas LGBTQ, que duvidaram de seu posicionamento, considerando-o oportunista. O vídeo de Alexandra é também uma espécie de prestação de contas ao seu próprio público. Ela diz que se vê

como uma mulher lésbica! Sapatão, sapatão mesmo. E continuo sendo eu, Alexandra que vocês conhecem! Continuo sendo a mesma pessoa. O canal não vai se tornar um canal LGBT. É claro que eu vou entrar cada vez mais nesses assuntos, vai ter um vídeo ou outro, não vai se tornar um canal com esse tema. [...] E eu quero que vocês me respeitem, sabe. Eu quero que vocês respeitem a minha vida, sabe? Como eu tô me sentindo, como eu tô feliz, invés de ficar apontando: "não era hétero, não sei o que, que não sei que lá?" Era! Eu me achava hétero, não sou mais. Não virei nada, eu só me descobri.

O público de Alexandra Gurgel, que estava acostumado com seu conteúdo sobre pressão estética, empoderamento feminino, aceitação, transtornos psicológicos (como anorexia, bulimia, ansiedade etc.), recebeu, neste vídeo, uma explicação sobre o que acontecia em sua vida e o que iria acontecer com o conteúdo de seu canal. Mas não parece ter sido suficiente. Um ano depois, em 17 de maio de 2020, após postar um vídeo dançando e beijando a namorada, em celebração ao dia mundial do combate à LGBTfobia, Gurgel indicou que uma parte significativa de seu público rejeitava o conteúdo mais explicitamente lésbico de suas mídias. "Xanda, tem necessidade de postar vídeo beijando a namorada?", escreveu Alexandra Gurgel na legenda do post seguinte, reproduzindo alguns dos comentários que recebeu. "O vídeo anterior me fez perder 4 mil seguidores em 4 h. Uma galera que não aceita um amor fora da norma hétero".

Ficam explícitos, nesse exemplo, o cuidado que Gurgel teve ao introduzir um elemento não normativo (sua recém-descoberta homossexualidade) para o público de diversidade corporal e a perda de seguidores imediata quando ela publica um conteúdo que explicita a sexualidade dissidente. Gurgel, mesmo sem conhecer formalmente o algoritmo, entende suas dinâmicas e sabe que precisa manejar seu conteúdo com cuidado para não perder seguidores – o que acontece de maneira intensa quando ela expõe ao seu público, que busca questionamentos sobre a hegemonia dos corpos padrão, uma foto que vai contra a heteronormatividade.

Lesbianidades no YouTube, Instagram e TikTok

Vamos nos ater, aqui, a três plataformas de mídias sociais em que desenvolvemos pesquisas nos últimos meses: YouTube, Instagram e TikTok. Em primeiro lugar, cabe destacar o forte caráter normativo que encontramos nessas três plataformas, mesmo nos perfis e canais voltados às lesbianidades. Nas publicações que analisamos, as mulheres que se dão a ver são predominantemente brancas, jovens e magras, em corpos sem deficiência e que performam feminilidade. A máxima *rich get richer* e as consequências que já descrevemos também está presente nas três plataformas. Por fim, cabe destacar que há um uso intermediático delas: dificilmente há presença só em uma das plataformas. Em geral, o uso se faz de maneira conjugada, incluindo ainda Twitter, Facebook, listas de distribuição do WhatsApp, canais do Telegram etc.

Vale registrar que nossas pesquisas nas três plataformas têm caráter exploratório. Não se pretendeu usar metodologias similares que permitissem a comparação dos resultados - mesmo porque cada plataforma estabelece o que disponibiliza ou não em sua API pública, interface que dialoga com as ferramentas adotadas em métodos digitais. Nos interessava entender como a visibilidade se constituía em cada uma das plataformas que abordamos, como os recursos disponibilizados pelas plataformas interferiam na visibilidade. Assim, os levantamentos foram feitos a partir dos recursos disponíveis nas plataformas.

YouTube

Começamos pelo YouTube por ser a pesquisa mais ampla que conduzimos nas plataformas de mídias sociais. A pesquisa foi realizada usando a ferramenta *YouTube Datatools*, com ela coletamos inicialmente vídeos que continham a tag *lésbicas*. Para nossa surpresa, a ferramenta, configurada para gerar uma lista dos 500 vídeos mais vistos com o termo buscado, retornou apenas 363 resultados - explicitando que não havia mais do que esses vídeos com o termo⁸ *lésbicas* publicados em todo YouTube em setembro de 2018. Optamos por uma segunda coleta, desta vez com a palavra-chave *sapatão*, a fim de comparar os dois *datasets* resultantes - a escolha de *sapatão* tem como base o uso ambíguo que se faz do termo, empregado tanto em contextos de discriminação, quanto, politicamente, para reafirmar as identidades lésbicas. A coleta com *sapatão* foi feita em outubro de 2018 e teve como retorno uma planilha com os 500 vídeos.

⁸ A ferramenta leva em conta o uso do termo no título, descrição e nas tags usadas ao publicar os vídeos, mas não em seu conteúdo.

Para entender quem são as mulheres lésbicas que se dão a ver nas coletas, empreendemos uma análise qualitativa dos 863 vídeos⁹. Assistimos a cada um e elaboramos categorias autoemergentes baseadas em questões como: os vídeos são protagonizados por mulheres lésbicas falando de si e de suas experiências ou por outras pessoas se referindo a nós? São outros produtos culturais e midiáticos, como músicas e trechos de filmes, recortados e apropriados? Quando se tratam de mulheres que se identificam como lésbicas, quem são – brancas, negras, indígenas ou amarelas? Magras ou gordas? Jovens ou o que convenciamos chamar de adultas+ – mulheres que aparentam ter mais de 30 anos?

O primeiro dado relevante com o qual nos deparamos é que a invisibilidade das lesbianidades, que é parte da heteronormatividade de que tratamos no começo do artigo, marca até mesmo os vídeos em que são usados os termos *lésbicas* ou *sapatão* nos títulos, descrição ou tags. Isso porque apenas 22% dos vídeos que coletamos com o termo *lésbicas* e 33% com *sapatão* têm como protagonistas mulheres identificadas como tal. Na maior parte dos vídeos, outras pessoas falam de nós (18% da coleta *lésbicas* e 26% da coleta *sapatão*) ou as publicações são recortes de produtos culturais e midiáticos: músicas, filmes, séries (37% e 24%).

Nos vídeos que protagonizamos, a regra é que ganhem visibilidade mulheres jovens (93% dos vídeos em que aparecemos na coleta *lésbicas*; 78% em *sapatão*), brancas (71% e 59%), magras (86% e 68%), sem deficiência (100% em ambas). Ou seja, ainda que haja diferenças entre as duas coletas, relacionadas a uma maior politização dos vídeos de *sapatão*, na maior parte dos vídeos em que aparecem mulheres identificadas por si ou por terceiros a partir das lesbianidades reitera-se o padrão normativo da juventude, magreza e branquitude em corpos sem deficiência. Essa mesma predominância foi percebida por nós nos levantamentos em outras plataformas, ainda que não tenham sido feitos a partir de procedimentos quantitativos.

Um bom exemplo de como a heteronormatividade se relaciona com o YouTube em nossas pesquisas está nos vídeos que trazem a música Maria Sapatão - talvez um dos expoentes da disputa de sentidos que envolvem as lesbianidades nos vídeos na plataforma. A marchinha é usada tanto de forma discriminatória, quanto para manifestar o que se convencionou chamar de orgulho¹⁰, e, por sua "versatilidade", foi presença recorrente em nossa coleta de dados na plataforma.

⁹ A análise e classificação dos vídeos foi feita por bolsistas e voluntárias que então frequentavam o Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL/UFMG), parte do Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermidiáticas (NucCon/UFMG).

¹⁰ Usamos a noção de *Orgulho* para qualificar os discursos que tratam o desvio da norma com naturalidade, ou seja, invertendo a lógica normativa da estigmatização da diferença.

Dos 500 vídeos da nossa amostra com a tag *sapatão*, 122 são músicas sobre o tema das lesbianidades. A marchinha *Maria Sapatão* infla a categoria. Um dos vídeos¹¹ com a música mostra um ambiente de churrasco em família no que parece ser a cobertura de um prédio. Um músico toca ao vivo e a família alegremente acompanha o cantor, entoando: "Maria Sapatão, Sapatão, Sapatão, de dia é Maria, de noite é João". Dentre os membros do churrasco, – a maioria é branca e mercadamente pertencente a classes sociais mais abastadas –, não parece haver uma lésbica presente. Ao final, a família se abraça, feliz. No YouTube, a legenda é de apenas uma palavra: *Churrasco*. É um vídeo íntimo, de conteúdo afetivo; produção caseira e feito para circulação restrita – mas que somava 2.660 visualizações¹², um valor considerável.

Em contraste, há um segundo vídeo¹³ no qual a marchinha é tocada e cantada pelas mulheres da bateria do bloco de carnaval Toco Xona¹⁴. O vocal é feminino, grave. Em frente ao palco estão as responsáveis pelos tamborins, cantando, dançando, rindo, vestidas com os abadás do bloco. Gordas e magras, brancas e negras entoam "O sapatão está na moda!" e cantam a marchinha completa, diferentemente da família do churrasco, que se limitava ao refrão.

O vídeo *Maria Sapatão* do Toco Xona foi visto 1.117 vezes. Comparando o ambiente familiar tradicional, no qual se exibiam performances marcadamente heteronormativas e em que apenas o refrão da marchinha era cantado; e as mulheres do Toco Xona, cantando-a inteira, com seus corpos diversos, suas lesbianidades visíveis e orgulhosas, salta aos olhos e ouvidos a mudança no sentido da música.

Não por acaso, o vídeo a receber mais visualizações é a versão da marchinha em consonância com a norma, em que a ideia da sapatão é reafirmada como uma caricatura carnavalesca de uma personagem hilária, risível, desumanizada. Não por acaso, também, o vídeo familiar, para circulação íntima, tem quase o dobro de visualizações daquele feito para o público, que chama para a resistência compartilhada, em uma peça de divulgação do "bloco da mulher sapatona".

Instagram

¹¹ Disponível em: <<https://youtu.be/oGycVAKmhiY>>. Acesso em jun. 2021.

¹² Os números de visualizações se referem à data da coleta.

¹³ Disponível em: <<https://youtu.be/8Cs2vIb1g6w>>. Acesso em jun. 2021.

¹⁴ No perfil oficial do Instagram, Toco Xona se define como o "primeiro bloco LGBTI+ do Rio de Janeiro criado, em 2007, pela força da mulher sapatona"

Nossa exploração do Instagram foi feita a partir do mapeamento dos perfis que se autoidentificavam como relacionados às lesbianidades em seu título ou descrição, como o uso dos termos lésbica, sapatão ou a adoção de símbolos como ♀ e ♀♀. O levantamento foi feito em 2018 e foram reunidos 178 perfis. Nesse primeiro momento, despertou nossa atenção o fato de que, ainda que pare socialmente a ideia da ausência de práticas sexuais nas lesbianidades, encontramos uma quantidade significativa de imagens sexuadas nos perfis mapeados. Sendo assim, a reflexão que apresentamos aqui a respeito dessa plataforma volta-se principalmente às expressões das práticas sexuais lésbicas nos conteúdos direcionados a esse público.

Boa parte das plataformas têm regras que vetam a publicação de conteúdo sexualmente explícito, que atuam de forma conjunta a mecanismos automáticos que excluem tais conteúdos imediatamente após a sua postagem. Mas, dentre os perfis analisados, encontramos com frequência a presença de imagens explícitas do sexo entre mulheres, como mostram as FIG. 1 e FIG. 2.

Além de burlarem as regras do Instagram, as imagens também vão de forma bastante incisiva contra a ideia de que mulheres lésbicas não transam. As imagens, de forma a discordar do comportamento normatizado para mulheres, mostram o sexo sem elementos explícitos de romance, focam no sexo pelo sexo, de maneira que é impossível dizer se há um envolvimento amoroso entre as envolvidas.



FIGURA 1 - imagem de sexo oral entre mulheres publicada no Instagram

FONTE - perfil @umalesbicacitou



FIGURA 2 - imagem de sexo entre mulheres publicada no Instagram

FONTE - perfil @momentolgbt

As figuras 1 e 2 se utilizam de uma fragilidade dos mecanismos de detecção de imagens vetadas pelos termos de uso do Instagram, que encontram dificuldades ao decodificar as ilustrações. Ao explorar essa fragilidade da plataforma, tais imagens também possibilitam que temas variados que compõem a experiência das lesbianidades sejam disseminados, o que permite uma elaboração acerca da própria sexualidade entre lésbicas, contribuindo para retirar essas práticas sexuais da invisibilidade, ainda que de forma limitada pelo acesso ao aplicativo e pela curadoria algorítmica.



FIGURA 3 - imagem de sexo entre mulheres publicada no Instagram

FONTE - perfil @lesbicalizouof

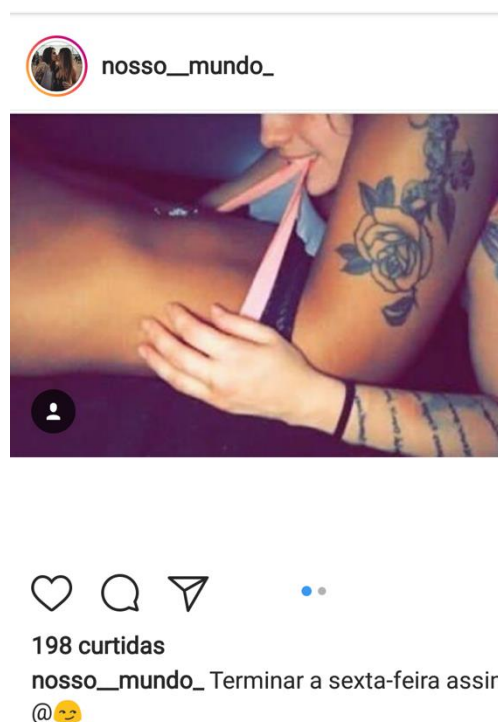


FIGURA 4 - imagem de sexo entre mulheres publicada no Instagram

FONTE - perfil @nosso_mundo_

No que diz respeito ao conteúdo, podemos notar algumas recorrências. Nas postagens que apresentam casais, há uma centralidade do corpo da mulher, acionando as lesbianidades através de um reconhecimento de um desejo compartilhado - de estar naquela cena da imagem com outra mulher. É o fato de tornar-se sujeito do seu próprio desejo, em um contexto social em que as mulheres são muitas vezes vistas como objetos (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2010), que está evidenciado nas imagens. Termos como lésbica ou sapatão não são mencionados, deixando pressuposto que aquele conteúdo já tem um destino específico que não precisa ser explicitado. Nas legendas, vemos frases como “terminar a sexta-feira assim com a @” (FIG. 4) e “É tão bom acordar logo cedo assim contigo” (FIG. 3) que demonstram esse aspecto e naturalizam a experiência sexual lésbica.

Contudo, é importante questionar quais são os corpos que se dão a ver ou são representados nessas imagens. Tanto nas fotografias, como nas ilustrações que apresentamos até aqui, nos são apresentados corpos magros, jovens e brancos. Se tensionamos a invisibilidade das lesbianidades, é fundamental também refletir sobre como ocorre a produção de um visível muito específico, como é

o caso. O que parece é que o prazer sexual da mulher, quando é expressado, é permitido a uma única corporalidade, que presta contas a um padrão de beleza imposto às mulheres em geral.

Não é de hoje que mulheres lésbicas denunciam o apagamento sofrido até mesmo no âmbito do movimento LGBT e é nesse sentido que não podemos buscar combater um apagamento promovendo outros. Lima (2018) cita o apagamento da questão racial nesse contexto, ao tratar das violências sofridas por negras lésbicas. Mas ao tratarmos dos corpos que estão representados nos conteúdos que abordam a sexualidade lésbica no Instagram é possível adicionar outras ausências: não há mulheres racializadas, mais velhas, gordas, nem com deficiência nessas imagens.

Por outro lado, ainda que sejam frequentes as postagens de imagens com a presença dos corpos de mulheres em contextos sexuais, eles não são estritamente necessários. Muitas das imagens que encontramos dialogam com uma espécie de imaginário compartilhado por mulheres lésbicas acerca das suas próprias práticas sexuais.



FIGURA 5 - imagem que remete a sexo oral publicada no Instagram

FONTE - perfil @momentolgbt

FIGURA 6 - imagem que remete a sexo com as mãos publicada no Instagram

FONTE - perfil @lesbionalidad3_ofc

No que tange aos sentidos acionados pelas postagens que estão para além da representação do corpo, percebemos que conteúdos que exploram brincadeiras, memes e expressões de um imaginário compartilhado entre as mulheres lésbicas também predominam (FIG.5 e FIG. 6). Referências ao sexo oral, que nas práticas sexuais heteronormativas muitas vezes é entendido como parte das preliminares, mas que é apontado como uma das principais formas de obtenção de prazer pelas mulheres, também são expressivos. Além do sexo oral, outro destaque é o uso das mãos nas práticas sexuais, também presentes nas postagens indicando um saber partilhado acerca das especificidades do sexo lésbico.

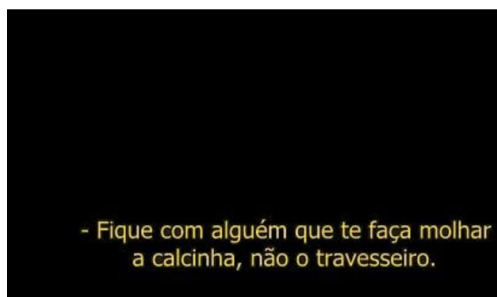


FIGURA 7 - imagem composta por texto, publicada no Instagram

FONTE - perfil @lesbionalidad3_ofc



FIGURA 8 - imagem que remete a excitação sexual da mulher, publicada no Instagram

Singularidades do corpo da mulher também estão presentes nas imagens, feitas por e para mulheres (FIG.7 e FIG.8). Molhar a calcinha e ficar molhada, como indicadores da excitação sexual, são utilizados como chaves de sentido em algumas postagens. Não mais ficar erétil, mas sim molhar a calcinha é o marcador da sexualidade nesses conteúdos, tornando o corpo da mulher como central, contribuindo para um outro entendimento da prática sexual, que deixa de ser falocêntrica - e, assim, remete às resistências à heteronormatividade.

TikTok

O *TikTok* oferece aos seus usuários uma lógica incomum. Diferentemente do que fizeram *Facebook*, *Instagram* e *Snapchat*, sua ênfase inicial não foi a sociabilidade entre usuários, mas o entretenimento a partir da divulgação de conteúdo, mais próximo do que faz o *Youtube*. Embora *tags* como “50 fatos sobre mim” e “Draw my Life” já fossem comuns desde o *Youtube*; e o *Instagram* conte com contas inteiramente dedicadas a zombar de sua própria mesmidade - como o *@insta_repeat* -, o *TikTok* parece assentar-se tanto ou mais na imitação e na replicação para propagação de seus conteúdos. De acordo com Zulli e Zulli (2020), no *TikTok*, é preciso que haja uma imitação: ou você imita, ou deve ser imitado.

Além de não encorajar conexões interpessoais, pautando a navegação por conteúdos em vez de perfis, há denúncias, baseadas em documentos internos, de que a plataforma instruiria seus mediadores de conteúdo a suprimirem vídeos de pessoas consideradas muito feias, pobres ou com deficiência e para censurar *lives* que contenham discurso com viés político¹⁵. Não por acaso, a incidência da heteronormatividade (e mesmo a homonormatividade¹⁶) nos pareça tão forte na plataforma.

Tal percepção nos levou a levantar perfis que explicitam o jogo normativo entre docilidade e resistência às normas de gênero no que tange às lesbianidades. Um exemplo são as postagens de *@gabbi_souza*. Na FIG. 9, os olhos azuis da *tiktoker* se destacam no terço superior da tela do celular. Ressaltados por um filtro que automaticamente maquia os olhos em um esfumado perfeito, preenche as sobrancelhas, homogeneiza a pele e aumenta os lábios, compõem um conjunto visual montado para jogar com as frases “Ai, só gosto de princesas” e “muito machinho”, que também aparecem destacadas.

Jovem branca, magra, de olhos azuis e bastante maquiada, *@gabbi_souza* veste camiseta e boné pretos e reage aos comentários que aparecem em sua tela ao som de Tombei, música de Karol Conka. Fazendo cara séria e encarando a câmera, a jovem abre a boca para dublar a parte da música em que Conka canta: “se quiser conferir, vem, que é pra ver se aguenta”. Ela sorri e, colocando a língua para fora de maneira pretensamente sensual, pisca para a câmera, como se estivesse desafiando

¹⁵ Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/03/16/tiktok-app-moderators-users-discrimination/>>. Acesso em fev. 21

¹⁶ Sobre a discussão de homonormatividade, ver Duggan (2002) e Drucker (2017).

a outra menina, que a considerava pouco princesa/muito machinho, a experimentar ficar com ela (FIG. 10).



FIGURA 9 - lésbica futch no TikTok

Fonte: perfil @gabbi_souza

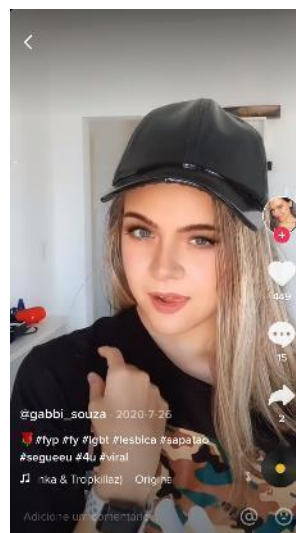


FIGURA 10 - lésbica futch no TikTok

Fonte: perfil @gabbi_souza

A virtual masculinidade de que @gabbi_souza é *acusada* não é uma novidade entre mulheres (HALBERSTAM, 1998) e historicamente demarca as categorias mais comuns às lesbianidades - *femme/butch* (RUBIN, 2011)¹⁷. O que chama a atenção no vídeo da *tiktoker* é que, exceto pelo boné preto, nenhum outro marcador de gênero pode ser lido como masculino. Pelo contrário, o cabelo liso e louro e o destaque que a maquiagem dá à boca e aos olhos compõem um corpo que parece seguir à risca normas que se completam com a pele branca e o corpo jovem e magro.

A estética adotada por @gabbi_souza e bastante replicada do TikTok pode ser descrita como *futch* - a combinação de *femme* e *butch*, que aparece não como androginia, mas como uma mescla de elementos advindos dessas categorias. Não se trata de fundi-las, mas de manter alguns elementos identificados como *butch* em um corpo que aparece dócil às normas de gênero, ao padrão estético feminino.

¹⁷ E aqui evitamos propositalmente o debate sobre a homofobia presente na ideia de lésbicas que não admitem se envolver com mulheres masculinizadas, até porque estamos exatamente questionando tal masculinidade nos vídeos.

O padrão corporal das *futches* dos vídeos que analisamos varia pouco – são magras, cabelos lisos e longos, brancas, jovens. A maquiagem e os filtros ajudam a reafirmar tais características. Os elementos do vestuário *butch* adotados para compor a performance apontam para uma cultura importada, reafirmam um padrão de consumo. Se somam ao corpo e às roupas uma postura provocadora, pegadora, também mais identificadas no estereótipo lésbico como da *butch* (JOHNSON, 1992).

Outro exemplo da normatividade no TikTok diz respeito a @eimaryy_s, jovem de 17 anos assumidamente lésbica, que beijou um colega durante sua estadia em uma *content house*¹⁸ (FIG.11). O beijo, dado quase como uma brincadeira, despertou uma repercussão bastante negativa, como a resposta (#costura) de @bruxinhasolitaria, que disse: "se rotula lésbica mas beija um garoto, parabéns por *estar fodendo* a visibilidade lésbica" (FIG.12). A reação negativa de pessoas autoidentificadas como LGBTs foi grande o suficiente para fazer com que @eimaryy_s respondesse: "... já esgotou pra mim. Não aguento mais, tô de saco cheio e eu vou responder. Bom, muito prazer, meu nome é Mariana, tenho 17 anos e eu sou muito lésbica. Eu sou lésbica demais, mano? É que cês não me conhecem." Vale registrar que os comentários agressivos direcionados a @eimaryy_s também foram respondidos por outras pessoas com indignação, isto é, parte da comunidade LGBT usuária de TikTok se mobilizou, reagindo em defesa da *tiktoker*.

¹⁸ As *content houses* são relativamente comuns no TikTok: casas nas quais os influenciadores digitais moram juntos por um período de tempo, em uma mansão com piscina patrocinada por marcas parceiras. Nessas casas, os influenciadores criam juntos *challenges* e outros conteúdos para viralizar na plataforma, como o "beijo ou tapa", no qual o *tiktoker* caminha pela casa pedindo aos colegas beijos ou tapas.



FIGURA 11 - lésbica beija rapaz no TikTok

Fonte: perfil @eimaryy_s



FIGURA 12 - puxão de orelha - TikTok

Fonte: @bruxinhasolitaria

O que nos interessa aqui, com esse exemplo, é perceber como a normatividade é mais pervasiva do que se pode supor, não se dá apenas em um sentido ou sobre um grupo. No caso de @eimaryy_s, se instaura uma dinâmica entre acolhimento, vigilância, normatização e rejeição que se dá, inclusive, dentro de comunidades específicas e circunscritas. Assim, como no caso de Alexandra Gurgel, é possível perceber, para dizer o mínimo, uma espécie de desconfiança inspetora de pessoas dispostas a questionar, sabatar e invalidar quem, de alguma forma, foge à norma que se estabeleceu como dominante entre as pessoas LGBTs. Ou seja, a norma tanto age sobre nós, quanto a partir de nós.

Nesse contexto, as lesbianidades visíveis (ou menos invisíveis) que circulam por meio de uma reafirmação algorítmica se tornam as únicas legítimas - isso, dentro de grupos LGBT nas plataformas de mídias sociais. Assim como desviar da heteronorma e viver as lesbianidades nos faz mais amplamente vulneráveis às lógicas de vigilância e disciplina de que já tratamos, fugir ao que se convencionou como legítimo dentro das lesbianidades traz consequências similares.

Considerações finais

As disputas em torno das visibilidades lésbicas se dão em uma ambiência midiática em que, como dissemos, compete-se permanentemente pela atenção de usuários. A popularização crescente do TikTok, considerado “uma das plataformas de mídia social mais influentes e amplamente utilizadas no mundo”,¹⁹ vem tensionando a hegemonia das plataformas estadunidenses na acumulação de dados. Em resposta, o algoritmo do Instagram mudou, e profissionais de Comunicação que atuam como produtores de conteúdo apontam diminuição na circulação de seus posts estáticos do *feed*, em prol da (já nem tão) nova funcionalidade *reels*²⁰ e os *stories* (agregados em resposta a outra plataforma de mídias sociais que alcançou grande sucesso fora do Grupo Facebook, o Snapchat). Antes disso, também o Instagram passou a oferecer conteúdos longos de vídeo, disputando o tempo de tela do YouTube com o IGTV – vídeos verticais com um tempo superior de duração ao permitido até então na plataforma e a partir do qual também podem ser salvas as *lives*. Além de intermediar negócios entre empresas e criadores, o Instagram passou também a oferecer remuneração aos seus criadores,²¹ modelo comum ao YouTube, que direciona uma infinitesimal parte de seus ganhos com a publicidade que exhibe entre e durante os vídeos postados na plataforma para quem as alimenta com conteúdo. Já o algoritmo do Instagram é acusado de penalizar produtores de conteúdo e influenciadores que atraíam tráfego para fora de sua plataforma, diminuindo o alcance de quem usa o “arrasta para cima” para levar os usuários ao YouTube ou outros sites. De modo semelhante, o YouTube derruba o alcance dos canais que levem seus usuários a outro espaço, como o Facebook. Ainda o YouTube, com o foco em proporcionar um espaço amigável para adultos e crianças (ou *family-friendly*), inscreve em seu algoritmo a redução do alcance de vídeos cujo conteúdo é considerado *impróprio*.

Entretanto, assim como feio, belo, grande e pequeno, ou qualquer outro adjetivo, *impróprio* não significa nada isoladamente: é mais uma das variáveis que respondem a normas como a de gênero

¹⁹ “TikTok is currently one of the most influential and widely used social media platforms in the world”, no original. Informação disponível em: <<https://www.businessofapps.com/data/tik-tok-statistics/>>. Acesso em fev. 2021.

²⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CO_oKVEHngH/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em jun. 2021.

²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/COY_rM9lrOS/?utm_source=ig_web_copy_link>. Acesso em jun. 2021.

– como evidencia, por exemplo, a disputa entre a Bienal do Livro de 2019 e o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, pela censura da capa de uma HQ em que dois rapazes se beijavam²².

Na competição por dados e tempo de tela dos usuários, as plataformas de mídias sociais acabam por incorporar a linguagem e as estratégias umas das outras, num gesto de reforço a partir da repetição. Assim, mesmo que se ofereçam como espaços pretensamente neutros e abertos a toda variedade de corpos, práticas e experiências possíveis de se dar a ver, suas lógicas recompensam a reprodução do que melhor funcionar quantitativamente e, sob tal lógica, difundem e legitimam certas práticas e conhecimentos – como vemos aqui, geralmente normativos – sobre outras. Isto é, ainda que cedam espaço para que outros corpos e vivências de gênero e sexualidade se deem a ver, suas lógicas algorítmicas tendem a segmentar a distribuição desses conteúdos de modo a reforçar preferências atribuídas pelo algoritmo aos usuários. Assim, quanto mais dissidente, mais uma criadora de conteúdo tende a ser isolada pelo algoritmo, salvo em casos de viralização por controvérsias, e pelas empresas que recompensam perfis e canais em função de sua imagem e alcance. O apelo à norma pode servir para tornar algumas dissidências palatáveis – algo como “pode ser lésbica, mas não precisa ser masculina” –, ao mesmo tempo em que também atua para a formação e delimitação de uma comunidade de interesses que vai se alimentar repetidamente das mesmas imagens e formas de viver as lesbianidades.

Do mesmo modo que as plataformas possuem singularidades algorítmicas, diretrizes e lógicas de formato e veiculação de conteúdos distintos, há similaridades no que se refere à circulação das produções e à valorização de padrões que estão intimamente vinculados com as normatividades. Aqui destacamos principalmente a heteronormatividade, mas é necessário que ela seja discutida em relação a outros regimes normativos que limitam nossos corpos a padrões estéticos e nossas experiências a modelos pré-estabelecidos.

Nesse sentido, os conteúdos sobre as lesbianidades se direcionam a mulheres lésbicas, circulando na própria comunidade e produzindo formas de se compreender as experiências lésbicas, bem como de se encaixar nos padrões de comportamento e estética estabelecidos, reforçados e/ou postos em circulação por usuários comuns, canais e produtores de conteúdo.

Ao discutir as lógicas algorítmicas a partir dos jogos de visibilidade e invisibilidade que configuram as lesbianidades com foco nas dinâmicas de docilidade e resistência que compõem a vida

²² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/marcelo-crivella-manda-censurar-gibis-dos-vingadores-na-bienal-do-livro-no-rio.shtml>>. Acesso em jun. 2021.

social, é possível notar como aspectos sociais estão presentes nas plataformas de mídias sociais de formas específicas. Não há uma simples transposição da vida real para ambiência digital, há uma reconfiguração. Se, por um lado, as plataformas propiciam uma maior interação entre usuários que fazem parte de um mesmo grupo, nesse caso as mulheres lésbicas, possibilitando a troca de referências, conhecimentos e brincadeiras, como vemos nos conteúdos que abordam as práticas sexuais do Instagram ou dos vídeos do TikTok que acionam um senso comum sobre ser lésbica; por outro, há também o reforço de um modo normativo de vivenciar as lesbianidades, baseado em corpos magros, brancos, sem deficiência, com poder aquisitivo suficiente para usar as roupas e acessórios do momento.

Referências

- CIAMPAGLIA, Giovanni L., NEMATZADEH, Azadeh, MENCZER, Filippo & FLAMMINI, Alessandro (2018). How algorithmic popularity bias hinders or promotes quality. *Nature - Scientific Reports*, n. 8, out.2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-018-34203-2>. Acesso em: 01 mai 2021.
- GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. *Revista Parágrafo*, v. 6, n. 1, p. 95–121, 2018. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/722/563>. Acesso em 03 ago. 2021.
- GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. *Revista Eptic*, v. 22, n. 1, p. 107-122, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/12188/10214>. Acesso em 03 ago. 2021.
- HALBERSTAM, Jack. *Masculinidad Femenina*. Barcelona, Editorial EGALES, 2008.
- JOHNSON, Mykel. Butchy femme. In: NESTLE, Joan. *The persistent desire: a femme-butched reader*. Boston, Alyson Publications, 1992. p. 395-398.
- LIMA, Fátima. Raça, Interseccionalidade e Violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 4, n. 2. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/26646/16098>. Acesso em 03 ago. 2021.
- LORDE, Audre. Idade, Raça, Classe e Sexo: mulheres negras redefinem a diferença. In: _____. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019. p. 142-156.
- PERES, Milena Cristina Carneiro; SUANE, Felipe Soares & DIAS, Maria Clara. *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017*. Rio de Janeiro, Livros Ilimitados, 2018. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2021.
- O'NEIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: How Big Data Increases Inequality and Threatens Democracy*. Nova Iorque, Crown, 2016.

- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In: _____. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. A Bolha Editora, Rio de Janeiro, 2019. p. 25-108.
- RUBIN, Gayle S. **Deviations**. Durham e Londres, Duke University Press, 2011.
- SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. In: **Cadernos Pagu**, n. 28, jan.-jun, p. 19-54, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcOqkryVj3MMbWsTF5pnqn/>. Acesso em: 03 ago. 2021.
- SEGATO, Rita. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. **Sociedade e Estado**, v.12, n, 2, jul.-dez., 1997. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1083_588_SEGATO-Rita-Laura-Os-percursos-do-genero-na.pdf. Acesso em 05 ago. 2021.
- TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 3, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n3/v10n3a06.pdf>. Acesso em 03 ago. 2021.
- VAN DIJCK, José; POELL; Thomas WAAL, Martijn. **The Platform Society**. Nova Iorque, Oxford University Press, 2018.
- WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero**. 1980. Disponível em: https://we.riseup.net/assets/134062/Wittig,+Monique+O+pensamento+Hetero_.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.
- ZILLER, Joana; BARRETOS, Dayane. Lésbicas também transam: disputas sobre a visibilidade das lesbianidades no Instagram. In: **Anais do XXIX Encontro Anual da Compós**, Campo Grande, 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_ZJSM1F80STHWBSAQB3ZH_30_8314_26_02_2020_11_16_34.pdf. Acesso em: mai. 21.
- ZULLI, Diana; ZULLI, David James. Extending the Internet meme: conceptualizing technological mimesis and imitation publics on the TikTok platform. **New Media and Society**, dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444820983603>. Acesso em: fev. 2021.

Joana Ziller - Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMG, coordena o Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL) do Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermidiáticas (NucCon) e a Formação Transversal em Gênero e Sexualidade: perspectivas Queer/LGBTI, ambos da UFMG. joana.ziller@gmail.com

Dayane do Carmo Barretos - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Integrante do Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL), que faz parte do Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermidiáticas (NucCon). E-mail: dayanebarretos@gmail.com

Kellen Xavier - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Integrante do Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL) do

*Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermidiáticas (NucCon). E-mail:
kellencxavier@gmail.com*

Leíner Hoki - ⁴Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFMG. Integrante do Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL) do Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermidiáticas (NucCon). Integrante do Grupo de Pesquisa Estratégias da Arte na Era das Catástrofes (Departamento de Artes Plásticas - EBA-UFMG). E-mail: leinerhoki@gmail.com

Luiza Bodenmüller ⁵Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Integrante do Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL) e do Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermidiáticas (NucCon). E-mail: luizabodenmuller@gmail.com

Mônica França Dias - Graduanda em Artes Visuais na UFMG. Integrante do Grupo de Estudos em Lesbianidades (GEL) do Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermidiáticas (NucCon). Integrante do projeto de extensão em acessibilidade Arte e Diferença da UFMG. Integrante do Guará- Grupo de Pesquisas Descoloniais em Arte Contemporânea (UDESC). Email: monicafrandias487@gmail.com